



JORDAN LEES

Um rapaz
que não acredita
em magia.

Um mundo
inimaginável que
o vai convencer
do contrário.

Os WHISPERWICKS

O Labirinto
sem Fim

ILUSTRADO POR VIVIENNE TO

Para a Caroline e a Violet

ÍNDICE

1. Sobre a fenda na parede	13
2. Sobre o rapaz na livraria	29
3. Sobre Benjamiah amuado	43
4. Sobre o pássaro da noite	51
5. Sobre o macaco da noite	61
6. Sobre a porta impossível	73
7. Sobre a Casa dos Homens Enforcados	93
8. Sobre a outra livraria	103
9. Sobre o rapaz que foi levado	127
10. Sobre a Mata da Neblina	153
11. Sobre o Bosque dos Suspiros	177
12. Sobre as pistas de Edwid	205
13. Sobre o Magimmaculum	227
14. Sobre a Casa dos Fazedores de Mapas	253
15. Sobre o corvo	281
16. Sobre o vigilante do poço	305
17. Sobre a Ponte Meio Caída	327
18. Sobre o centro do labirinto	345
19. Sobre o décimo segundo mago	365
20. Sobre a verdade acerca do Trapalhão	393
21. Sobre a nossa casa	417
Agradecimentos	429



Caminho inexplorado

Doca aqui?

Rio Smeath

Guloseimas Miss Bliss

Bosque Sinuoso

Praça do Sapo

61ª Casa dos Homens Enforcados

Ponte aqui?

Rua dos Originais

Estátua de Mildred Fogge

(Esta rua está mesmo aqui??)

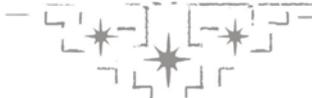
Caminho inexplorado

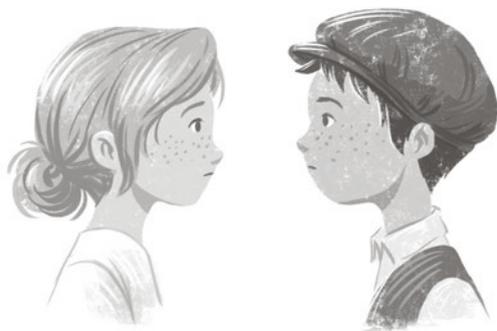
Direção a onde vivemos



*O fazedor de bonecos virá quando nascer um bebé.
Levará o recém-nascido para uma sala; ninguém, nem sequer um dos pais, poderá estar presente. Acender-se-ão velas, de cheiro doce, silvestre e indizível. Quem escutar à porta ouvirá o fazedor de bonecos murmurar palavras estranhas e trémulas. Diz-se que, ao fazer o boneco, o fazedor de bonecos está a moldar a alma da criança.*

UMA BREVE HISTÓRIA DE WREATHENWOLD,
GRANDE-MESTRE COLLUM WOLFSDAUGHTER





CAPÍTULO UM

Sobre a fenda na parede

Tudo começou com a fenda na parede.

Edwid Cotton encontrou-a, certa manhã, na parede do seu quarto. Tinha cerca de trinta centímetros, um fino sorriso negro na pedra clara. Devia ter surgido durante a noite, embora o «como» fosse um mistério para Edwid.

Havia algo de imediatamente sinistro naquela fenda na parede. Espreitando por ela, Edwid só via escuridão, como se a parede fosse oca. De lá saía um ar frio, que cheirava a pó. Ainda mais estranho, ele tinha a certeza de ter ouvido um murmúrio muito fraco vindo lá de dentro. Arrepiado, descartou essa hipótese como uma partida da sua imaginação.

Convencido de que Hansel iria culpá-lo pela fenda, Edwid decidiu cobri-la — o pai já estava zangado com ele, por isso

não queria piorar as coisas. Havia desenhos em pergaminho de fazedores de mapas famosos espalhados pelas paredes, portanto foi muito simples deslocar um deles e tapar a fenda. A partir desse momento, o quarto pareceu aquecer, a disposição de Edwid melhorou e a lembrança de um qualquer murmúrio vindo de dentro da parede foi arrumada como uma fantasia infantil.

Nada de especial aconteceu durante o resto do dia, nem à noite. Edwid dormiu serenamente, sonhando com as aventuras que desejava ter no futuro.

Quando acordou, na manhã seguinte, a fenda na parede tinha voltado.

O desenho estava rasgado ao meio, e a fenda via-se novamente. Tiras e pedaços de pergaminho estavam caídos no chão. E Edwid ouviu o mesmo murmúrio, fraco e ameaçador, acompanhado de um risinho fino. Inclinou-se e pôs-se à escuta.

— O que é que disseste? — sibilou ele, aproximando o ouvido da fenda. Mas só conseguiu ouvir uma mistura de murmúrios, um poço de vozes abafadas. — *O quê?* — sussurrou.

— Com quem estás a falar? — perguntou outra voz.

Edwid recuou. Elizabetha, a sua irmã gémea, estava parada à porta do quarto, mãos na cintura e olhos semicerrados. Um era o espelho do outro: o cabelo claro, o rosto redondo, o nariz afilado coberto de sardas. Eram da mesma altura, com a mesma constituição esguia. Até se moviam da mesma forma, como raposas a tramar alguma.

— Com ninguém — respondeu Edwid, cruzando os braços.

Encostou-se à parede, escondendo a fenda. O olhar de Elizabella tornou-se mais afiado.

Não há muito tempo, ele teria contado à irmã sobre a fenda na parede. Tê-la-iam investigado juntos, formulado teorias, rido, discutido e criado uma história entre eles com a misteriosa fenda como tema. Tinham sido sempre assim: como uma criança e o seu próprio reflexo, até à última sarda.

Mas agora as coisas eram diferentes. Havia uma distância crescente entre eles. E o culpado era Edwid.

Uma dor perpassou pelo rosto de Elizabella. Edwid também a sentiu, mas nenhum deles a verbalizou. Elizabella encolheu os ombros e saiu. Passados instantes, a porta do seu quarto bateu com estrondo.

Invadido por uma tristeza conhecida, Edwid voltou-se para a fenda na parede.

— Vê o que fizeste — disse, baixinho. — E ela já me odeia. Ouviram-se murmúrios, como grilos em erva alta.

— Um de cada vez — pediu Edwid.

E, de modo espantoso, uma voz sobressaiu de todas as outras.

— A culpa é só tua — disse a voz.

Edwid estremeceu, afastando-se da parede. Tinha o coração descontrolado. Gradualmente, encontrou coragem para se aproximar de novo.

— Quem és tu? — perguntou.

— Ninguém — respondeu o murmúrio.

— Toda a gente é alguém — retorquiu Edwid.

— Eu fui alguém — disse a voz. — Depois, fiquei preso aqui, obrigado a viver para sempre entre as paredes de Wreathenwold. Sem nunca dormir, sem nunca comer. Sem poder morrer, sem poder fugir. Isso faz de mim um ninguém.

— Não falas como um ninguém — disse Edwid.

— És muito amável.

— Deve ser terrível — sussurrou Edwid. — Posso fazer alguma coisa?

— Sei que foste um bom rapazinho, Edwid — disse a voz. — É por isso que gosto de estar aqui, na parede do teu quarto. Pode haver uma forma de me libertar. Mas não quero que te ponhas em perigo por um velho ninguém como eu. Não, é melhor ficarmos assim.

— Quero ajudar-te — disse Edwid.

— Farias mesmo isso por mim?

— Porque não?

— Não posso mesmo deixar.

Passaram uns minutos, em que Edwid discutiu com a fenda na parede até que, finalmente, conseguiu que ela aceitasse a sua ajuda. Um pequeno soluço marcou o fim da discussão.

— És um bom rapazinho, Edwid — disse a voz. — Conheces o Olfred Wicker?

Edwid conhecia. Olfred Wicker era um autor de livros para crianças que tinha escrito os livros da *Jamima Cleaves*.



A Jamima era uma detetive de 12 anos que resolvia mistérios mágicos com a ajuda da sua boneca de pano, e esses livros eram dos mais populares de Wreathenwold. Elizabetha adorava-os. Edwid também, antes. Era outra coisa que ele e Elizabetha costumavam ter em comum e que agora parecia ter-se perdido.

— Bem, foi o Olfred Wicker quem me pôs aqui — disse a voz.

Edwid ficou estupefacto. Perguntou porquê.

— Entristece-me dizer-te isto — continuou a fenda na parede —, mas o Olfred é uma fraude miserável. Roubou todas as histórias dos livros da *Jamima Cleaves* a outras pessoas. E, depois de roubar as ideias a alguém, ele atira essa pessoa para dentro das paredes de Wreathenwold, para nunca vir a ser denunciado. Acreditas que me roubou as ideias da *Jamima Cleaves e o Circo das Almas Escondidas* e da *Jamima Cleaves e a Esfinge Assassina*? Depois fechou-me aqui para que nunca ninguém soubesse.

— Mas isso é ridículo — disse Edwid.

— Eu sabia que não ias acreditar — disse a fenda na parede, com voz taciturna. — Ninguém acredita. Foi o que eu disse a esse velhaco quando me atirou para esta prisão miserável, mas ele não me deu ouvidos.

Era uma história incrível, mas Edwid achou que a voz na parede parecia sincera. Em qualquer caso, porque mentiria sobre uma coisa destas?

— Como posso ajudar-te? — perguntou.

— Bem, terias de ir até casa do Olfred Wicker.

— À procura de quê? — perguntou Edwid.

— Da chave para me libertar — disse o murmúrio. — Eu vou lá ter contigo e juntos conseguiremos encontrá-la.

Sem perceber bem como é que uma fenda na parede conseguia deslocar-se, muito menos encontrar-se com alguém em qualquer lado, Edwid preparou as suas coisas. Pôs na mochila uma pequena luneta, já rachada, o seu livro muito gasto de mapas errados e o que restava da sua mesada. Também guardou uma muda de roupa, o seu boné favorito, meio comido pelas traças, e um pião que lhe fora oferecido pela irmã — como recordação de casa, do seu pai, Hansel, e especialmente de Elizabella, a sua melhor amiga.

Sair de casa ia ser o maior desafio. Hansel vigiava Edwid de muito perto. Felizmente, tinha também um fraquinho por beber licor de papoila às escondidas, depois de Edwid e Elizabella irem para a cama. O licor de papoila, que era só para adultos, era um líquido claro que deitava fumo quando servido e que queimava as narinas dos gémeos quando o cheiravam. Ao terceiro copo, Hansel costumava adormecer à lareira, e essa seria a melhor oportunidade de Edwid.

O verdadeiro problema era Elizabella. Ela era mais vigilante e consideravelmente mais inteligente do que Hansel e Edwid juntos. Observava o irmão à distância, pelo canto do olho, desconfiada e atenta, espiando-o enquanto se fingia ocupada com outras coisas. Por mais cuidado que Edwid tivesse de ter com Hansel, tinha de ter o dobro com Elizabella.

Caiu a noite, e Edwid fingiu ir para a cama. Passado pouco tempo, ouviu, através da parede comum, Elizabella apagar

com um sopro o candeeiro a óleo no seu quarto. Uma hora mais tarde, Hansel vagueou pelo corredor e entreabriu a porta do quarto de Edwid. Satisfeito por vê-lo a dormir, verificou também o quarto de Elizabella e, depois, regressou até junto da lareira, pegou no licor de papoila e no copo e instalou-se confortavelmente.

Edwid esperou com paciência. A casa estava sossegada. Finalmente, quando parecia que tinham passado séculos, veio o sinal: Hansel começou a rressonar.

Em silêncio, Edwid vestiu-se, agarrou na mochila, prendeu o boneco à cintura e escapuliu-se pela casa. Chegou à porta da rua.

— Aonde pensas que vais?

Edwid virou-se. Elizabella estava ali, de punhos cerrados e olhos a brilhar por entre as sombras.

— Volta para a cama — disse-lhe Edwid.

— Aonde vais? — questionou-o Elizabella.

— Tenho de fazer uma coisa — respondeu ele. — Volta para a cama. Prometo que estarei em casa num instante.

— Vou contigo.

— Não.

— Então, vou chamar o Hansel.

— Nunca nos denunciemos um ao outro — disse Edwid. — Temos um acordo.

— Fiz esse acordo com o antigo Edwid — ripostou Elizabella.

As suas palavras atingiram Edwid no estômago. Ele virou-se para sair.

— Porque me odeias agora? — perguntou Elizabella, tão baixinho que ele mal a ouviu. — Que fiz eu?

— Não fizeste nada — respondeu Edwid, com um aperto no peito.

— Então, porque escondes segredos de mim? Nunca tivemos segredos um para o outro.

— Conto-te tudo quando voltar — disse Edwid. — Prometo.

E estava a falar a sério.

— Não vou deixar-te ir — disse Elizabella.

Deu um passo em frente, deslizando as mãos para a cintura, onde tinha o boneco pendurado. Era uma ameaça. Instintivamente, Edwid pôs a mão no seu próprio boneco. Os gémeos ficaram assim durante um instante, como estátuas nas sombras, à beira de uma batalha de bonecos que certamente acordaria Hansel e que Edwid quase de certeza perderia.

Fixando o olhar em Elizabella, Edwid deu um passo atrás. Depois outro. E então, sem nunca desviar os olhos, abriu a porta da rua e saiu, recuando. Elizabella só se moveu no último momento, não para puxar o boneco da cintura, mas para tirar algo do olho.



Olfred Wicker vivia numa pequena vivenda, no fim de uma alameda com outras vivendas de pedra. Das chaminés saía fumo e, atrás das cortinas, candeeiros brilhavam

acolhedoramente. Flores brancas e pretas um pouco fantasmagóricas espreitavam dos canteiros.

A vivenda de Olfred era diferente, degradada e assimétrica. Uma grande magnólia erguia-se acima do jardim descuidado, com os seus ramos brancos estendendo-se através do arvoredo. Nenhuma luz quente cintilava lá dentro, nenhum fumo subia sonhadoramente pela chaminé. Só havia escuridão, e todas as janelas estavam tapadas com tábuas.

Nervoso, Edwid percorreu a selva que era o jardim da casa de Olfred e bateu à porta. Ninguém atendeu, nem se ouviu o menor som lá dentro. Parecia que ninguém vivia ali. Teria Edwid sido enganado?

Então, ouviu-se um estalido. Uma fissura estreita surgiu na parede de pedra da vivenda, até atingir os trinta centímetros, sob a forma de um sorriso negro. A fenda parecia igual à que tinha aparecido no quarto de Edwid.

— Ele está em casa — sussurrou uma voz conhecida.

— Não parece — disse Edwid.

— Está, sim — repetiu a voz. — Quer que o deixem em paz. Quer garantir que nunca ninguém encontrará a chave que pode libertar os seus prisioneiros, que o denunciarão como uma fraude.

Edwid não estava a gostar do que sentia. Algo lhe apertava o estômago, uma dúvida ou suspeita de que aquilo tudo não era o que parecia. Escura e fria, a vivenda de Olfred dava-lhe arrepios. Devia ter ficado em casa com Elizabella. Se lhe tivesse contado da fenda na parede, ela tê-lo-ia chamado à razão.

— Nem sequer podemos entrar — disse ele.

Nisto, a fenda na parede começou a crescer, estendendo-se pela parede de pedra num rasto de pó até chegar à porta. Aí, alongou-se como uma teia de aranha, arrancando pedaços de madeira até que um dos painéis da porta caiu. Era o suficiente para Edwid conseguir rastejar lá para dentro.

Ele respirou fundo. Atrás de si ficava a sua casa, Hansel, Elizabella; em frente, esta vivenda arrepiante, incertezas, a possibilidade de perigo.

Respirou fundo outra vez e atravessou a porta.

Lá dentro, estava um silêncio de morte e o ar rareava. Uma torneira pingava na cozinha próxima. Havia livros empilhados, espalhados e amontoados por todo o lado. Nas paredes, quadros com cenas dos livros da *Jamima Cleaves*, muitas das quais Edwid reconheceu: Jamima a perseguir o bandido no final de *Jamima Cleaves e o Ladrão da Língua*, Jamima e a sua boneca a lutar contra o vilão em *Jamima Cleaves e o Assassino do Luar*. Teria Olfred realmente roubado todas as suas ideias a outras pessoas?

Edwid continuou a avançar cuidadosamente, e a fenda na parede acompanhava-o, fazendo saltar pedaços de pedra e de madeira à medida que se deslocava.

— Onde está a chave? — murmurou Edwid.

— Por ali — disse a fenda na parede.

Devia querer dizer em frente, onde uma luz de vela fraca surgia atrás da moldura de uma porta.

— Se o Olfred estiver ali, vai apanhar-nos! — disse Edwid.

— Quem está aí? — gritou alguém subitamente, detrás da porta.

Edwid gelou, com o coração a bater-lhe nos ouvidos.

— Fiquem longe de mim! — gritou Olfred Wicker. —
Desapareçam já!

— Ele sabe que o descobrimos — disse a fenda na parede.
— Vai lá, Edwid, a chave!

Levado por uma curiosidade terrível, Edwid avançou e empurrou a porta. Em frente surgiu-lhe um escritório a abarrotar, um teto forrado a madeira de magnólia e pilhas oscilantes de livros por todo o lado.

A um canto, numa cadeira frágil, estava um homem muito velho, pequeno e curvado, iluminado pela luz das velas. Ao ver Edwid, os seus olhos arregalaram-se de terror. Atirou-se para trás na cadeira, encolhendo-se como uma criança assustada. Ergueu uma das suas mãos com manchas e apertou-a contra a boca.

— Quem és tu? — perguntou Olfred, através dos dedos das mãos.

A sua voz era fina e o rosto, um labirinto de rugas. Madeixas de cabelo branco rodeavam-lhe as orelhas, mas de resto era careca. Na secretária ao seu lado, havia uma máquina de escrever e uma resma de papel. Tremia como se Edwid fosse a coisa mais aterradora que já tinha visto.

— Desculpe — balbuciou Edwid. — Eu só...

— Por favor — disse Olfred. — Tens de ir embora, jovem.
Ninguém pode estar aqui!

A fenda na parede avançou para o teto como um rasto de luz negra, fazendo cair uma cascata de pó e madeira. Olfred olhou-a com horror, encolhendo-se ainda mais na cadeira.

— Não... — balbuciou. — Não, não...

— Apanha-a — ordenou a fenda no teto. — Esta é a nossa oportunidade!

— Mas *onde* está? — perguntou Edwid, que não via uma chave em lado nenhum.

— Miúdo, não sabes o que é aquela coisa? — gemeu Olfred, de olhos fixos na fenda. — Não sabes o que quer...?

Edwid abanou a cabeça, com o cérebro às voltas. O que não daria para estar outra vez em casa.

— Aproxima-te dele, Edwid — disse a fenda no teto. — Ele diz-te onde está a chave.

Aterrorizado, Edwid obedeceu. Olfred tremia, e encolheu-se até os seus olhos se encontrarem. Os olhos do velhote estavam húmidos e raiados de sangue, tomados pelo terror. Mas, então, outra expressão tomou conta do seu rosto. Agora, parecia apenas imensamente triste, resignado com a derrota.

— Lamento muito, meu jovem — crocitou.

Depois, inclinou-se para a frente e murmurou ao ouvido de Edwid. Assim que terminou, o velhote recostou-se, fechou os olhos e morreu ali mesmo, na sua cadeira.

Edwid caiu de costas. O ouvido latejava-lhe com o horror do que Olfred tinha acabado de lhe sussurrar. A fenda no teto tinha-o *mesmo* enganado. E era algo muito diferente do que dissera a Edwid.

Este gemeu, a cabeça a andar à roda, enquanto olhava para cima, para a fenda no teto.

— Que disse ele, Edwid?

A voz tornou-se mais agressiva, afiada e mortal como uma faca. Ouviu-se um som terrível de algo a partir-se, e a fenda avançou a grande velocidade pelo teto, até atingir uma fissura em forma de relâmpago que descia pela parede. De lá saiu uma rajada de ar frio e Edwid tentou recuar.

— Conta-me o que ele te disse, Edwid.

Nesse momento, algo prateado apareceu por entre a fenda, atraindo a sua atenção. Era uma pequena curva, como uma lua nova suspensa no céu noturno. Edwid fixou-a, paralisado. Quando ela desapareceu momentaneamente, e regressou quase de seguida, ele percebeu o que era.

Era um olho.

— Conta-me o que ele te disse, Edwid. E depois tudo terminará.

Edwid abanou a cabeça, recuando desajeitadamente. O olho piscou outra vez.

E então ouviu-se um som tremendo e a parede ruiu, com fissuras a abrirem-se para o lado de fora, como num terremoto. Levantaram-se pedras e poeira, e um ar frio inundou a sala. Entre as nuvens de pó, surgiu uma forma escura e horrível, avançando e descendo sobre Edwid, numa tempestade de fumo e sombra.

O último pensamento de Edwid foi para Elizabella, e como se arrependia de não lhe ter contado tudo. Depois, fugiu.



*O folclore fala-nos, há muito, de um outro mundo
entretecido no nosso. Entre o nosso mundo e esse outro
— diz-nos o folclore —, viajaram poetas, estudiosos,
aventureiros, fugitivos e, até, ocasionalmente,
heróis improváveis.*

UMA BREVE HISTÓRIA DE WREATHENWOLD.
GRANDE-MESTRE COLLUM WOLFSDAUGHTER





CAPÍTULO DOIS

Sobre o rapaz na livraria

Nunca nada notável ou entusiasmante acontecia na sonolenta aldeia de Wyvern-on-the-Water. No entanto, havia agitação na vila próxima de Bramleigh ou na aldeia empedrada e musgosa de Hatchet, que se gabava de uma história de piratas malvados e cercos famosos. Quanto a Wyvern-on-the-Water, só tinha de interessante o seu nome, que vinha da lenda de um dragão do tempo do Rei Artur, que se dizia dormir debaixo de uma das colinas cobertas de urze, que davam para o rio. Nunca se tinha dado ao trabalho de acordar.

Imaginem uma igreja com campanário e sinos tocando alegremente. Imaginem feiras de domingo com lançamento de cocos e venda de bolos. Imaginem barcos na água, crianças a brincar na areia molhada da maré baixa, uma garça tristonha a debicar nos baixios. Wyvern-on-the-Water era isso.

Só vivendas robustas e ordenadas, e caminhos estreitos que serpenteavam e se espalhavam sem ordem aparente. Na primavera, espinheiros e flores de cerejeira atapetavam as estradas com flores brancas e rosa. No verão, viam-se amoras a crescer nos caminhos ao longo do rio. Havia três salões de chá, dois bares, um quiosque de jornais, um cabeleireiro, uma biblioteca, duas lojas de utilidades, um estúdio de cerâmica e uma livraria chamada Era Uma Vez.

A Era Uma Vez era um estabelecimento despretenso, uma casa modificada ladeada por dois belos chalés georgianos, e tinha o nome escrito em letras retorcidas sobre a parede frontal de um verde desgastado. Havia um toldo com riscas vermelhas e brancas a proteger as mesas colocadas em frente. Dispostas numa vitrina estavam edições raras e especiais, inacessíveis aos dedos curiosos dos compradores de livros — era bem sabido que a sujidade e a gordura podiam estragar um livro mais depressa do que um final inesperado, mas preguiçoso.

Quando se entra na Era Uma Vez, a porta estremece. Uma campainha toca. Não é preciso dizer que o arquiteto original não estava a pensar numa livraria. Damos por nós instantaneamente apertados por livros naquilo que antes era um alpendre, rodeados de estantes no que antes era uma sala de estar, confrontados com pilhas de romances numa antiga sala de jantar. Descendo uma escada com nervuras, encontramos uma cave com mais alguns milhares de livros.

O lugar era, ao mesmo tempo, labiríntico, ilógico, cheio de pó, com vigas cobertas de teias de aranha.

As placas que identificavam as várias secções da livraria tinham-se tornado obsoletas, pelo que não era incomum depararmo-nos com *Alice no País das Maravilhas* na secção de Culinária, ou *Debrett's A-Z of Modern Manners* na secção Crime e Policiais. Isto era fastidioso para os alunos e professores da universidade vizinha, cujas leituras eram levadas mais a sério. Outros leitores, no entanto, achavam-na encantadora. A Era Uma Vez cheirava como as livrarias devem cheirar: a páginas, encadernações e ideias. Colunas de luz desciam das várias janelas, revelando a poeira em danças sonhadoras. Tirando isso, era razoavelmente escura.

Encontrar o balcão de atendimento não era nada óbvio — estava aninhado na base das escadas, atrás de uma estante de clássicos encadernados em couro. Normalmente, encontrava-se aí um miúdo de 11 anos, debruçado sobre um livro. Chamava-se Benjamiah Creek, e tinha muito em comum com o ambiente que o rodeava. Simples e desarranjado, podia ser facilmente confundido com mais um pormenor pitoresco mas desinteressante de uma aldeia pitoresca mas desinteressante. Mas nada podia estar mais longe da verdade; como qualquer boa livraria, Benjamiah Creek era cheio de mistérios ainda não conhecidos e surpresas ainda não descobertas.



Na manhã do primeiro dia das férias de verão, a Sra. Foxglove foi à Era Uma Vez e encontrou obviamente Benjamiah

atrás do balcão. Tinha o nariz enfiado num livro sobre teoria do xadrez, algo que a Sra. Foxglove desaprovava completamente. Considerava o xadrez uma perda de tempo, bem como a banda desenhada, os jogos de vídeo e tocar guitarra. A Sra. Foxglove tinha tendência para desaprovar tudo aquilo que não entendia.

Era uma intrometida de pescoço comprido, flácida e enrugada, que vivia numa das mansões na margem do rio. Benjamiah tinha a certeza de que ela nunca lia nenhum dos livros que comprava; só saía de casa para espalhar amargura.

— Tens uma *cliente* — disse a Sra. Foxglove. — Talvez devesse largar esse livro, rapaz.

Benjamiah estremeceu e ergueu-se, deixando o livro escorregar para o chão. As bochechas coraram-lhe. A Sra. Foxglove olhava-o com olhos de serpente. Levantar-se não tinha acrescentado muito à altura de Benjamiah. Era pequeno e magro para a idade, e pálido, por raramente brincar ao ar livre. Tinha tufos de cabelo castanho-claro que nenhum pente domava e olhos cor de avelã. Da mãe tinha herdado um nariz incomum, que saía do meio do rosto e se curvava inexplicavelmente para a esquerda.

— Que disparate estás a ler hoje? — perguntou a Sra. Foxglove.

Benjamiah abriu a boca, mas a Sra. Foxglove calou-o com um gesto da mão.

— Não devias estar a fazer *trabalhos de casa*, rapaz? Ou a arranjar esta loja toda desarrumada? Deixa-me dizer-te que, no meu tempo...



Benjaminah ouviu cautelosamente enquanto a Sra. Foxglove se dispersava sobre as virtudes do seu tempo, quando quer que isso tivesse sido. Não se calou até ter a boca seca.

— Onde estão os teus pais? — atirou, quando já não conseguiu pensar em mais nada de que se queixar.

— Estão... fora — respondeu Benjaminah.

— *Fora?* — disse a Sra. Foxglove, passando a língua pelos lábios. — Ah, sim. Ouvi falar muito sobre os seus pequenos... bem, *problemas*.

Benjaminah ficou ainda mais vermelho, tão quente que podia pegar fogo. Aquilo deliciou a Sra. Foxglove.

— A Margie, do estúdio de cerâmica, disse-me que eles tiveram uma grande discussão no Tom o'Bedlam, na noite de perguntas e respostas — continuou ela, com a língua esponjosa a brincar sobre os lábios. — Vão divorciar-se, é?

A garganta de Benjaminah estava bloqueada, não conseguia engolir nem falar.

— Nunca achei que durassem muito — disse a Sra. Foxglove. Humedeceu os lábios de novo. — E onde está a tua avó?

— Está lá em cima. A descansar.

— Bem, não fiques aí *parado*. Ajuda-me a encontrar o meu livro. Não encontro nada no meio desta confusão. É uma linda história de amor passada numa antiga propriedade rural. Uma história de amor, mas também de mistério. Começa com o avistamento fantasmagórico de uma mulher. Li-o quando era miúda. Um livro *a sério*, nada como a porcaria que publicam hoje.

— Qual é o título? — perguntou Benjamiah, o que foi um erro.

— Como é que hei de saber?!

— Desculpe — disse ele. — Então, e o autor?

— Oh, é um homem — respondeu ela. — Um homem, sem dúvida. Não é informação que te chegue? Vais continuar aí parado? No meu tempo, os clientes eram tratados com...

E aí começou outra lengalenga. A Benjamiah parecia-lhe *A Mulher de Branco*, mas a sugestão foi imediatamente rejeitada. Passou os vinte e cinco minutos seguintes a oferecer livros à Sra. Foxglove, que aplicadamente os cheirava e punha de lado.

— Oh, isto é ridículo — atirou ela, a certa altura. — Vou levar este e pronto.

Claro que era *A Mulher de Branco*. De volta ao balcão, Benjamiah pegou no dinheiro da Sra. Foxglove e deu-lhe o livro dentro de um saco de papel às riscas.

— Tenha um excelente dia — disse-lhe.

— Estás a ser engraçadinho? — lançou ela, antes de sair à pressa da livraria como se Benjamiah cheirasse mal.

A campanha soou e Benjamiah ficou sozinho. Preparou-se para enfrentar o caos deixado pela visita da Sra. Foxglove, desmanchando as pilhas de livros rejeitados por ela e devolvendo-os às suas prateleiras.

Benjamiah sentia-se mal há meses, e os comentários da Sra. Foxglove sobre os seus pais só o fizeram sentir pior. Uma coisa era ele conhecer os seus problemas de casal,

mas era preciso que toda a aldeia os conhecesse também? Porque é que os pais tinham de levar as suas guerras para o Tom o'Bedlam, se a sua casa já era um campo de batalha?

Há meses que o seu apartamento, por cima da livraria, era um lugar de portas a bater, acusações amargas de parte a parte, vozes baixas e tristes através das paredes finas, pela noite dentro, quando os pais achavam que Benjamiah estava a dormir. A vida tinha-se tornado uma manta de retalhos de silêncios ressentidos e discussões explosivas, cada dia preenchido por suspiros e olhos inchados, vozes roucas e soluços mudos. Benjamiah estava cansado até às orelhas da alegria forçada da mãe a cumprimentá-lo, e da cara triste e inexpressiva do pai, dantes sempre a rir e a sorrir.

Agora, tinham ido para uma casa de campo em Purbecks, numa tentativa final de salvar o casamento. Tal como a Sra. Foxglove, Benjamiah pensava que o problema eram as suas diferenças. A mãe era professora de Astrofísica na universidade local, e o pai geria a livraria. Jim Woodyard vinha de uma família de leitores fanáticos, escritores medíocres, colecionadores e curadores zelosos de livros e histórias, enquanto Zoe Creek preferia os mistérios interestelares e extrassolares, dando mais importância aos factos e provas do que aos mundos fantasiosos do pai, com dragões, guerreiros e feiticeiros.

Benjamiah só tinha dois aliados enquanto esperava pelo resultado da viagem dos pais — a avó e os seus livros. A avó era o porto, seguro e inamovível: querida, paciente, incrivelmente amorosa. Era a mãe do pai e a única família direta que Benjamiah tinha.

Os livros eram os seus irmãos, primos e amigos. Mas só livros *verdadeiros*, sobre coisas *verdadeiras*. Neste aspeto, Benjamiah seguia fielmente a mãe. Para ele, os livros eram para acumular conhecimento. Queria factos, verdades, informação prática. Naquele momento, estava a ler um livro sobre a defesa siciliana. Antes desse, lera um sobre Henrique VII e, a seguir, leria um livro muito entusiasmante sobre engenharia de pontes.

Essas eram as leituras valiosas para Benjamiah — em sua opinião, aventuras para derreter anéis em montanhas distantes ou para matar dragões eram uma perda de tempo. Sabia dizer o peso atómico do fósforo ou listar várias das luas de Júpiter; não tinha interesse nenhum em ovos verdes servidos com fiambre nem nas aventuras dos Cinco.

Os livros de Benjamiah provavam que os pais não tinham desculpa. Tudo tinha uma resposta, todos os problemas tinham uma solução. A História celebrava aqueles que nunca desistiam, de Darwin a Marie Curie, de Newton a Dorothy Hodgkin. A ideia do espaço e tempo absolutos tinha trabalho Einstein? Não, ele deitou-a fora. O mau tempo tinha impedido a campanha de Drake contra os espanhóis em 1577? Claro que não. Esperou que passasse, aparelhou os galeões e partiu para as Américas.

Todos os problemas podiam ser resolvidos se as pessoas se esforçassem o suficiente. Os seus pais fariam bem em lembrar-se disso.

Ainda estava a arrumar livros, quando a campanha tocou outra vez.

— Já vou! — disse ele, alto, mas não teve resposta. Só silêncio. — Sim? — repetiu.

Espreitou pela esquina da estante, mas não viu ninguém. Percorreu as salas uma a uma. Todas as secções estavam vazias, assim como a cave. Será que tinha imaginado o toque da campainha? Ou teria uma brisa de verão empurrado a porta, fazendo-a tocar? Foi então que ouviu um livro cair ao chão, algures na livraria. Sentiu o coração na garganta.

— Está aí alguém? — perguntou, numa voz fina.

Nada. Talvez a Sra. Foxglove se tivesse esgueirado outra vez para a livraria, para o assustar. Parecia o tipo de coisa retorcida que ela faria. Não foi a primeira vez que ele desejou que houvesse uma luz melhor. De qualquer maneira, com os pais fora e a avó a descansar, tinha de se chegar à frente. A tremer por causa da força com que o coração batia, voltou a passar por todas as secções, esperando que, a qualquer momento, algum terrível patife lhe saltasse em cima. Encontrou o livro que tinha caído: um grosso exemplar da Bíblia que tinha saltado da prateleira da Ficção Científica e Fantasia. Com as mãos a tremer, recolocou-o no lugar.

A campainha soou outra vez e Benjamiah deu um salto gigante.

— Avó? — chamou.

Mais uma vez, não houve resposta. O silêncio caía pesado em todas as direcções. Esgueirou-se até à porta, olhou para a rua e, depois, regressou ao balcão, sentindo-se meio apavorado.

Ali, encontrou um embrulho, endereçado a si. Afinal, devia ser a carteira que tinha estado ali. Porque se teria escondido daquela maneira? Ele sempre a tinha achado um pouco excêntrica. Mas o medo estava a ser substituído por um entusiasmo relutante. Nunca ninguém lhe enviava nada. Só podia ser dos pais, embora fosse preciso mais do que um presente para o compensar. Queria a família junta. Era esse o presente que mais queria.

Era um pacote de formato estranho, mal embrulhado e mais leve do que ele gostaria. Estranhamente, Benjamiah não encontrava em lado nenhum o remetente ou o selo. De certeza que os pais conseguiriam fazer um embrulho melhor do que aquele.

— O que temos aí? — perguntou uma voz.

Pela terceira vez em pouco tempo, Benjamiah saltou. Mas, desta vez, era só a avó, a descer as escadas. Era pequena e atarracada, com cabelo grisalho encaracolado e uns magníficos óculos de tartaruga, que lhe davam aos olhos cor de avelã um aspeto um pouco esbugalhado. Sempre friorenta, parecia uma boneca matriosca dentro dos casacos; hoje eram em lilás, azul e mostarda.

— Uma encomenda — respondeu Benjamiah, mostrando-lha. — Para mim.

— Ah, deve ser dos teus pais — disse a avó, desconfiada. — Bem, vamos ver o que é.

Benjamiah rasgou o grosso papel castanho. A luzinha do entusiasmo apagou-se no instante em que viu o que vinha lá dentro. Era um boneco mole, de couro vermelho, com uns

fios pretos na cabeça, a fazer de cabelo, e dois grandes botões brancos no lugar dos olhos. Não tinha outras marcas faciais, nem mãos, nem pés, só pequenos braços e pernas de couro, terminando em pontas redondas. Pegou-lhe e a sua cabeça descaiu tristemente para um dos lados.

— Que estranho — comentou a avó.

— Um *boneco* — disse Benjamiah. — Porque me mandariam um *boneco*?

— Não é só um boneco — esclareceu a avó. — Parece um fantoche. Um boneco usado para feitiçaria. Tem algum bilhete?

Benjamiah explorou o pacote desfeito, mas não encontrou nada. Feitiçaria? Aquilo era mesmo coisa do pai. O tipo de coisa que ele acharia muito interessante.

— Bem, a mim parece-me fascinante — disse a avó.

— Então, fica com ele — respondeu Benjamiah, sentindo uma fúria crescer dentro de si.

Bateu com o boneco no balcão e largou a correr, passando pela avó e subindo para o quarto. Para deixar claro o seu ponto de vista, fechou a porta com estrondo.



Por muito que tenha tentado, nunca encontrei provas desse outro mundo. Se tal sítio existe, só poucos eleitos terão viajado entre os dois. Para as pessoas de Wreathenwold, o nosso mundo é este labirinto, espraçando-se para sempre — onde vaguear para demasiado longe de casa poderá significar nunca mais a encontrar.

UMA BREVE HISTÓRIA DE WREATHENWOLD.
GRANDE-MESTRE COLLUM WOLFSDAUGHTER





Benjamin Creek, de onze anos, acredita na ciência, na lógica e no poder da razão. Definitivamente, não acredita em magia. Mas quando recebe um presente misterioso, ele é levado para o mundo impossível (e *definitivamente* mágico) de Wreathenwold.

Em Wreathenwold, segredos obscuros estão perdidos num vasto labirinto de ruas. Depressa, Benjamin vê-se envolvido numa perigosa missão ao conhecer a corajosa e brilhante Elizabetha, que está determinada a solucionar o desaparecimento misterioso do seu irmão.

Conseguirá Benjamin encontrar o caminho de volta para casa e descobrir a intrigante ligação da sua família com este mundo estranho e encantado?

Uma incrível nova série de fantasia, repleta de mistério e magia, obrigatória para fãs de Harry Potter!



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 penguinlivros.pt

  [penguinkidspt](https://www.instagram.com/penguinkidspt)

ISBN 9789897879937



9 789897 879937 >